

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

isto é

Class.:

Kaiapó Gorotire

Data

14/07/93

Pg.:

60-61

242

PERFIL

Marajá da selva

Tapiêt, candidato a cacique e nova liderança econômica dos índios caiapós, enriquece explorando e amedrontando garimpeiros na reserva da tribo no sul do Pará

MALU OLIVEIRA, DE REDENÇÃO

O cacique caiapó Tutu Pombo, morto em agosto do ano passado, fez escola. Considerado o terror dos garimpeiros e madeireiros que se aventuravam na reserva indígena, o "coronel", como ele gostava de ser chamado, juntou uma fortuna calculada em US\$ 6 milhões, incluindo dois aviões e três fazendas. Menos de um ano após sua morte, Tutu Pombo já tem sucessor na administração dos lucrativos negócios dos índios. Ele atende pelo nome de Tapiêt, tem 40 anos, fala português corretamente e desfruta de uma das 13 vagas de vereador de Cumaru do Norte, um município recém-criado no sul do Pará. "Tapiêt é a nova liderança econômica da tribo", afirma Francisco Oliveira, administrador da Funai em Redenção.

Ex-soldado da PM, Tapiêt precisou de apenas sete meses para virar lenda na região. Órfão adotado pelo cacique Toto-I e de olho na sucessão da aldeia Gorotire, ele foi encarregado pelos caiapós de administrar o garimpo do Santillo, aberto em novembro em uma área da reserva a 25 minutos de voo de Cumaru do Norte. Neste período, conseguiu comprar duas casas, uma fazenda de 346 alqueires, 100 cabeças de gado, dois aviões monomotor e vários carros. Está construindo uma casa de 400 metros quadrados na aldeia,



onde mantém três empregadas brancas para o serviço doméstico. Cabelos compridos, quase sempre trajando camiseta regata, bermuda e tênis, ele inclui entre seus hábitos de novo-rico vôos de uma hora, entre Gorotire e o município de Redenção, apenas para consertar uma filmadora. É comum também vê-lo sair da cidade, no final da tarde, para dormir na aldeia e retornar no dia seguinte.

Sem nunca colocar a mão na batéia, Tapiêt arrecada no mínimo 38 quilos de ouro por mês ou US\$ 479 mil. Quantia suficiente para comprar 16 camionetes D-20, a preferida dos índios. Alguma mágica? Não. O que ele fez foi apenas criar novos métodos para gerir um garimpo. Em vez de cobrar um percentual sobre o ouro retirado da terra – Tutu Pombo cobrava 15% –, Tapiêt exige o pagamento de uma quantidade fixa de metal por máquina de prospecção (50 gramas), de cada comerciante (80 gramas) e dos pilotos de avião (10 gramas por pouso). Independentemente do lucro que obtiverem. "Os garimpeiros são ladrões. Se a gente não cobrar taxa fixa, eles escondem

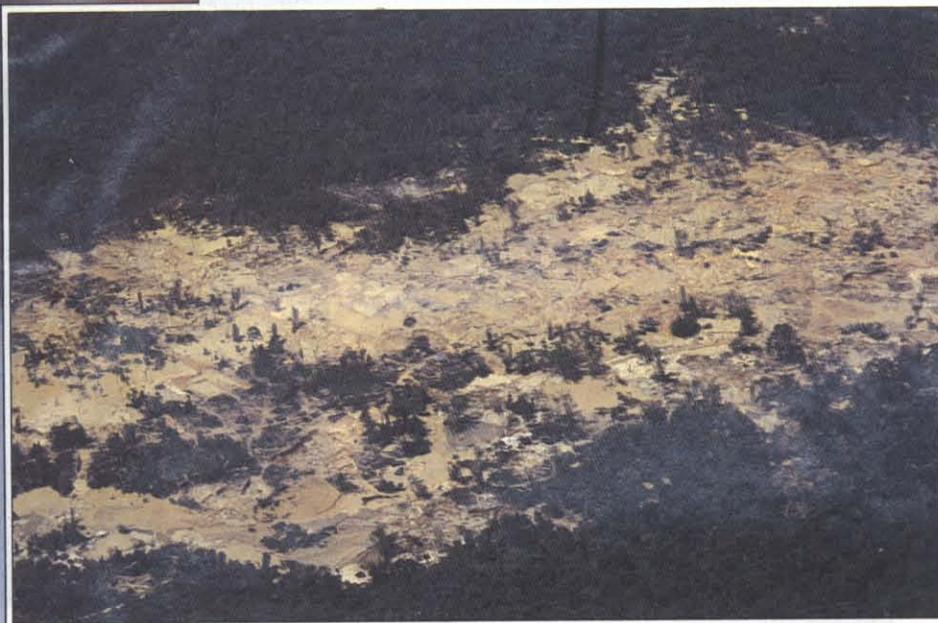
o ouro e exploram os índios", justifica-se Tapiêt. Cobrar um percentual pela exploração das riquezas existentes em suas terras é um direito garantido aos índios, e a qualquer outro proprietário, pela Constituição. O que surpreende em Tapiêt é a maneira até truculenta com que ele vem conduzindo o garimpo. Nas ruas de Cumaru do Norte e de Redenção, ele é temido como um "coronel" nordestino. Seus desejos viram leis. "Tapiêt é cruel e não podemos contrariá-lo porque dependemos dos índios", afirma Hamilton Lopes, proprietário do Burguinha Táxi Aéreo. Uma das normas seguidas à risca pelos pilotos é não levar estranhos ao garimpo, principalmente jornalistas.

Mas o que há de tão secreto no Santillo que não possa ser visto? "Não há nada para ver lá. Os ecologistas é que vivem nos criticando", diz Tapiêt. Além de ter aberto uma cratera na floresta e ajudado a aumentar a poluição do rio Fresco, já arrasado pela lama e pelo mercúrio do garimpo de Maria Bonita, o Santillo não causa, com certeza, nenhum outro dano ecológico. A não ser para a imagem de pureza que os caiapós tentam manter a qualquer preço. E pureza parece ser uma qualidade que Tapiêt já perdeu há muito tempo. Em 1988, por exemplo, ele

Duas casas, uma fazenda de 346 alqueires, 100 cabeças de gado, dois aviões e vários carros: uma pequena fortuna acumulada em sete meses

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Isto É Class.: Kaiapó Gorotire
 Data 14/07/93 Pg.: 60-61 242



CAPITALISMO SELVAGEM

O vereador Tapiêt administra com mão de ferro o garimpo do Santillo. Com pretensões de se candidatar a deputado, montou até um time de futebol para divulgar o seu nome

tentou se eleger vereador por Redenção. Teve a candidatura impugnada porque transferiu ilegalmente o título de centenas de índios. Agora no garimpo, contratou mais de uma dezena de empregados brancos para executar suas ordens com mão de ferro. Índios armados de espingardas e revólveres estão permanentemente de olho nos cerca de dois mil garimpeiros. Todo homem que desce do avião é revistado, e muitas vezes os índios confiscam objetos de uso pessoal.

O paraense Olavo Martins, 38 anos e 20 como garimpeiro, abandonou o Santillo depois de cinco meses de trabalho. "Nunca sofri tanta humilhação", diz ele. No início de junho, dois índios invadiram o barraco em que Martins morava e tomaram uma espingarda e quatro gramas de ouro. O confisco, aliás, parece ser uma prática comum no Santillo. Em maio, Tapiêt anunciou um bingo de uma camionete D-20. Cada garimpeiro foi obrigado a contribuir com três gramas de ouro. Depois de arrecadar 4,5 quilos, afirmou que a quantidade era insuficiente para pagar o carro e sorteou apenas 500 gramas. Uma camionete D-20 custa cerca de 2,4 quilos de ouro.

"Ninguém teve coragem de contestar, para não ser expulso do garimpo e perder tudo o que investiu", afirma o maranhense José Rocha, 48 anos. Há cinco meses operando duas máquinas no Santillo, Rocha pensa em ir embora. Por causa da estiagem, começa a faltar água para lavar a

terra e separar o cascalho no qual se encontra o ouro. Com isso, diminuiu a produção e já começa a haver prejuízo. "No mês passado, só deu para pagar a taxa e comprar comida", conta ele. Nem todos, é claro, reclamam das normas impostas pelo "coronel". Aqueles que têm a sorte de cair em sua graça contabilizam bons lucros. É o caso do mineiro Manoel Ambrósio da Silva, 33 anos, o "Bodin". Ele largou o emprego em uma fazenda para ajudar Tapiêt a se eleger vereador. Como recompensa pela vitória, com 101 votos, ganhou a sociedade do índio no posto de venda de óleo diesel no Santillo e mais o direito de explorar um armazém e um açougue.

Em seis meses de trabalho, Bodin conseguiu comprar 22 alqueires de terra em Cumarú do Norte, quatro cavalos e cinco vacas. Mobiliou seu bangalô de madeira, coberto de palha, com toda sorte de eletrodomésticos e instalou até uma antena parabólica. Hoje só toma uísque escocês Chivas Regal e ostenta no pescoço um cordão de ouro com uma pepita de dez gramas. E ainda guarda dois quilos de ouro para investir na agricultura. Tudo isso com um simples posto de óleo e duas bodegas? Ex-

plica-se: no Santillo, um tonel de 200 litros de óleo custa 40 gramas, cinco vezes mais do que nos outros garimpos. Um saco de arroz sai por 12 gramas, duas vezes mais caro do que no vizinho garimpo do Cumarú. "Tapiêt foi muito bom para mim, mas o clima no garimpo é muito tenso, há arbitrariedades, tudo é caro demais. A culpa é dos brancos que estão por trás dele, ganhando dinheiro", afirma Bodin.

Os brancos a que se refere Bodin são Ronaldo Cardias e Raimundo Ribamar dos Santos. Cardias é funcionário da Funai e responde a um inquérito interno justamente por participar dos negócios dos índios, o que é proibido pelos estatutos do órgão. São eles, ao lado de um segurança pouco afável, os fiéis escudeiros de Tapiêt, companhia inseparável nas rodadas de cerveja nos bares de Conceição do Araguaia, onde o chefe tem uma casa, ou nas ruas de Redenção. Tanto zelo não tem evitado, porém, que Tapiêt eventualmente faça péssimos negócios. A fazenda de 346 alqueires custou-lhe 42 quilos de ouro. "Aqueles terras valem quatro vezes menos. Tapiêt acabou sendo enrolado", afirma Francisco Oliveira.

A súbita riqueza de Tapiêt surpreende os cerca de dois mil moradores de Cumarú do Norte. "Há muito pouco tempo ele não tinha dinheiro e eu lhe vendia comida fiado", conta a comerciante Iara Gonçalves.

Hoje, ele raramente é visto nas ruas poeirentas da cidade, que não tem água tratada nem telefone. Seu monomotor só pousa na pista de terra do aeroporto local uma vez por mês, para as sessões da Câmara. O resto do tempo ele passeia em Conceição do Araguaia e Redenção, cuida do garimpo e ajuda no controle do corte de mogno. "Se a Funai desse dinheiro para saúde e educação dos índios, fecharíamos o garimpo e interditaríamos o trabalho dos madeireiros", argumenta Tapiêt. Obviamente, ele não admite que esteja enriquecendo sozinho com o garimpo. O lucro, garante, é de toda a comunidade. Só não consegue explicar o que a comunidade tem a ganhar com o financiamento de um time de futebol que leva seu nome - Tapiêt Esporte Clube - e não tem um único índio entre os jogadores. "Estamos preparando a campanha dele para deputado", confessa um de seus assessores.



FOTOS: RENATO DE SOUZA